

## O corpo do outro invadido

*É como uma bola de neve / Morre um, dois, três, quatro / Morre mais um em breve / Sinto na pele, me vejo entrando em cena / Tomando tiro igual filme de cinema. (Racionais MC's, 2018, p. 77)*

*Caminhando para a praça, lancei a pergunta sobre o Natal [lembro que perguntei isso meio sem saber o que dizer – eu, andando com você pela primeira vez, no achismo de que aquele fosse nosso primeiro e último encontro, achei que precisava falar. Sei que, logo depois que falei, me arrependi, me sentindo meio boba e muito mais velha que você (e isso sendo um problema em mim). Sei, também, que foi um jeito de começar uma conversa com alguém que eu pouco conhecia]. “E aí, como foi o Natal?” pode ser um modo de lidar com um contexto estranho; um caminho pra uma conversa quando a questão era exatamente essa: “como começar?”. Uma pergunta caída de paraquedas.*

*Daí você me perguntou sobre o meu Natal [eu me enrolei toda pra responder]. Depois, perguntou sobre eu estar ali e sobre ter convidado você praquele encontro. Entre outras coisas, te disse que me parecia que a gente não sabe o que fazer com aquilo que encontramos quando falamos com os adolescentes, quando pensamos sobre as coisas que se passam com eles (geralmente, sem eles). Que me parecia que construímos um outro mundo, que a gente*

*pouco enxergava quando olhava: era como se os nossos olhos procurassem sempre a mesma coisa e, com isso, ultrapassassem cada menino pra não ver. Que talvez esse fosse um jeito da gente não precisar se deparar com a adultez que não conhecemos em nós, porque, se a gente olhasse pra ela, talvez tivesse que mudar quem achamos que somos.*

*Fiz a pergunta sobre a medida: o que ela seria? “A medida é uma coisa que você faz... assim... tem sempre uma medida. Tipo um espaço, uma quadra, tem sempre uma medida”. Foram algumas internações e muitos relatórios. E não saber se eles são outra forma de medida. Os relatórios são escritos que dão a medida da medida. O tempo da medida. Você disse que pouco sabia sobre o PIA, mas que tinha certeza de que ele tem a ver com as avaliações sobre os meninos, que nunca participam delas.*

*Você ia encadeando os assuntos uns nos outros, e eu tentava não atrapalhar. Dos 12 aos 18, foram três medidas de internação e duas de semiliberdade, além da liberdade assistida, que veio por não cumprir a semi. Fora isso, um tempo vivendo na rua. Recebeu a primeira medida aos 12 anos, numa “idade em que a gente quase não sabe a medida das coisas que faz e tá menos certo da caminhada que vai fazer.*

*Oito passagens pela Fundação CASA. A última durou mais – um ano e cinco meses –, e foi puxada no mesmo quarto que o seu irmão. Falar da internação é lembrar das rebeliões e de ter visto várias violências de todos os lados. A vingança dos meninos pelas vezes que apanharam dos funcionários. Os funcionários que tinham muito ódio dos meninos. Não existe “estar fora da rebelião”; mesmo quando a própria mão não bate em ninguém, é impossível não escutar os sons e desver ou esquecer o que se viu: o corpo do outro invadido pelo ódio. É impraticável encontrar ali qualquer coisa que faça pensar uma vida fora do crime. Lá dentro só se aprende a vontade de não voltar.*

*Sua vida é ver muitos morrerem na quebrada. É perder um irmão assassinado. Poder dizer os nomes dos que se foram pelas mãos da polícia mesmo depois de saírem da internação, de terem feito tudo certo.*

*Mas, nessa vida também cabe gostar de ler e a vontade de escrever um diário. [Tê dei um caderno, e você decidiu que ele serviria para escrever ideias que você não queria arriscar perder. Você disse que o que tivesse de falar talvez não interessasse pra nenhum leitor. [O livro dos abraços me fez pensar em você. Tirei da mochila. Li um texto e, depois, lemos juntos outros dois. Mostrei o livro pra pensar em voz alta com você que não existe só um jeito de escrever e que descobrir o próprio estilo é a parte mais inte-*

*ressante]. Você deu a ideia de relatar os períodos da sua vida ou das unidades de internação: “uma cena vivida por alguém pode ser muito mais: é como beber água ou comer ou escrever. A gente pode falar do mundo pelas coisas que uma pessoa faz”. O mundo não cabe e, ao mesmo tempo, cabe em uma vida.*

*[Nossas conversas se desenrolaram em um vaivém de lembranças. A gente encerrou elas na terceira. Foi a última vez que te vi; depois, por mensagem, você me contou que ia ter que cuidar de outras coisas. Acho que foi, também, um jeito de dizer que aquilo que falamos já havia chegado em algum lugar.]*

#### 4.1 UMA PERGUNTA CAÍDA DE PARAQUEDAS

Uma conversa é uma possibilidade, uma potência de produção de um acontecimento (esse tempo indizível e não planejado em que coisas importantes se dão). Certa importância que se realiza no encontro, e que tem a ver com o acontecimento, não se antecipa, não está dada de partida, sendo possibilitada por uma qualidade de presença, de escuta, de engajamento consigo e com o outro, pois acessar o acontecimento pede que “nos interess[e]mos pelas circunstâncias de uma coisa: em que casos, onde e quando, como etc.?” (Deleuze, 2013, p. 37).

A criação de experimentações (do pensamento, do dizer, de uma relação) se dá na imanência dos encontros e não responde ao tempo cronológico, ocorrendo em um tempo outro, sempre por descobrir. Há um acaso necessário na reunião entre dois, e afirmar a contingência – o tempo de cada encontro –, assumindo que há limites no que se pode alcançar, implica que um se coloque em posição de permeabilidade em relação ao outro, em uma disponibilidade para ser afetado perante o que não se controla e o que não teria sido pensado sozinho. Começar uma conversa atenta ao outro e a si e àquilo que grita de nosso corpo sem que tenhamos de falar (cor, idade, gênero, classe social) é trabalhoso, já que a palavra sempre tem uma densidade que evoca algo naquele a quem é endereçada (Mbembe, 2018). Constituindo um terceiro personagem, já não é mais um e outro, mas um com o outro.

A conversa guarda algo que se esconde e se mostra nesse estranho universo de dois que se encontram para não fazer um e que, por isso, podem inventar aliança de duração incerta. Produzir encontro passo a passo, se a isso se dobram. Ela pede encantamento pelo dizer do outro, interesse para acessá-lo para além do som que adentra o ouvido; através dela, o passado é uma linha entre outras e é impossível saber o futuro que alguém tem diante de si, já que “só temos diante dos olhos o seu passado, eminentemente contingente, passado que não poderia valer por um centro ou uma referência absoluta” (Zourabichvili, 2016, p. 48). Pela conversação, o passado não contém o todo do futuro que virá.

Na medida, a conversa, por vezes, parece uma obviedade, tarefa simples para quem não está dentro dela, como se bastasse falar. Entretanto, as questões sobre as quais se fala precisam ser fabricadas, como todas as coisas da vida, e se elas não são formuladas, mas fixadas, parece não sobrar muito que dizer. Nas conversas com os meninos, não me lançar a uma máquina binária de pergunta-resposta (Deleuze; Parnet, 1998) era trabalhoso. A máquina binária é a mais conhecida, aquela que diz que uma coisa é ou não é; pode ou não pode; está certa ou errada. Não fazer uso de tal máquina permite notar a complexidade em que as coisas se dão; por exemplo, reconhecer que um dito só existe como se mostra em função de quem o diz, onde, para quem e em que tempo histórico. Diferenciar-me da máquina binária implicava ir ao encontro de cada menino em uma abertura atenta àquele que dizia, sem a pretensão de saber o que diria, vivendo a afirmativa de que é preciso não saber para poder passar a outro conhecimento. É, por isso, possível dizer que uma conversa é um devir de algo impossível de ser conhecido antes, e parece ser isso o angustiante do encontro: quem é esse com quem falo? O que posso ou devo falar? Como ser arrancada de mim mesma para estar com ele?

Uma conversa é a voz do outro vindo em minha direção me impelindo a sair de certo silêncio. Não há como saber incontestavelmente, antes, o que dizer se esse a quem se diz se faz a todo tempo, sempre em um devir – o mais imperceptível nos atos de uma vida (Deleuze; Parnet, 1998). Há, no entanto, possibilidades de composição com meu interlocutor, que não fala desde lugar nenhum, mas a partir das marcas que o constituem. É preciso ser arrancado de si para criar aliança com o outro, para criar um corpo com o outro em que possam ambos se afetar; ser um personagem de si, despersonalizar-se um pouco. Aquele que ativamente fala necessita de alguém que, também ativamente, o escute. Há, portanto, algo necessário para a criação de comum com quem se encontra: arriscar desencontrar-se de si, correr o risco da metamorfose (Mbembe, 2018), ousar acessar o inimaginável, como um outro pensamento.

Com os meninos, havia composições que não se faziam apenas da convergência de ideias, mas pelos enroscos por meio dos quais encontrávamos o que era distinto. As palavras apareciam onde não eram antecipadas, criando instantes em que o dizer se enlaçava à vontade de contar algo de si a quem escutava. Com Curió, escrevemos:

*Fim de uma conversa, começo de outra. Outras, que aconteceram no trabalho, no terminal de ônibus, no serviço de medidas socioeducativas. Em uma delas, no caminho até à praça onde fica a pista de skate, novas conversas vão aparecendo. As trocas se dão, também, nos trajetos. Andando lado a lado, se faz a vontade de falar e de conhecer, numa aposta naquele encontro, no trajeto tomado aquele dia, nos olhares que estão atentos ao momento de atravessar a rua. Desviar-se dos carros, olhar as pessoas. Lembrar os dias. Tudo isso também faz falar.*

Em uma atenção distraída, encontrávamos algo que não teria sido percebido de outra forma ou dentro de uma configuração já conformada. Para conversar, há que se passar por uma gagueira própria, produzir a própria gagueira dentro de uma língua que se conhece. Ficar na própria cabeça é ocupar um lugar sem saída, ensimesmado, e há respiros que se fazem no encontro com o diverso. Há um colocar-se em outro lugar (que não é o mesmo que estar no lugar do outro, mas estar em outro de si).

A conversa também requer que afirmemos o besta em nós, não prevendo um destino ao encontro, abertos ao imprevisto. A besteira da palavra *Natal* em mim foi um começo. Quem sabe, ela fizesse acontecer algo, forçasse um pensamento? Quem sabe, gerasse uma reflexão ainda não feita, mas em potência? (Zourabichvili, 2016).

Mas, uma pergunta traz questões, por vezes, não imaginadas. A interrogação sobre o Natal, que pretendia diminuir um abismo, acabou por ressaltá-lo quando MC Poeta me devolveu a pergunta que em mim era desconfortável. Esse desconforto importava, quando essa espécie de desencontro entre o que eu queria e o que houve produziu a necessidade de pensar. Havia sido proposto para ele um tema intranquilo à própria perguntadora (a pergunta sobre o Natal carrega afeto, classe social, gênero, capital, família), conduzindo ao necessário enfrentamento do abismo (dessa produção do abismo) que existe não apenas entre um e outro, mas entre um e si mesmo. O desconforto foi percebido no momento que a boca fez passar a palavra *Natal* – por que começar por aí? – e, também, pela reação que pareceu haver naquele para quem a dizia, como se também ele pensasse: “por que começar por aí?”

A conversa não contém *ou* (oposição, escolha uníssona), mas *E* (composição) (Deleuze, 2013). Uma pessoa tem muita vontade e muito melindre; há muita coragem em um corpo que teme; um desejo que não sabe se fazer passar, e recua; a vontade de fazer conversa e começá-la pelo lugar mais desconfortável. Com os meninos, nunca eram os planos que eu fazia que constituíam a conversa, mas esse múltiplo indeterminado. Ver no rosto dele a indicação de certo efeito nascido de uma palavra convidava aquela que primeiro a disse a repensá-la: o que queria ela quando foi lançada? Ao mesmo tempo, questionava a razão do dizer e encontrava um campo de indeterminação que tem a potência de produzir algo que não se sabia ou que não se sabia que sabia. De afirmar um acontecimento; afirmar, com o acontecimento, que as “coisas nunca se passam lá onde se acredita, nem pelos caminhos que se acredita” (Deleuze; Parnet, 1998, p. 4). Aquilo que a medida tende a deixar de lado abriga intensidades pouco escutadas, pois a vida acontece nos interstícios, e mesmo o estranhamento pode caber em uma conversa.

Em um encontro tal como o proposto a MC Poeta, em que a pergunta era sobre a medida, pretender encontrar um começo, um motivo, uma razão ou um destino para a infração seria perseguir uma mentira, pois a resposta a essa espécie de questão – a

origem do ato infracional – nunca é buscada pela medida sem que a tenha postulado antes (Zourabichvili, 2016), de forma que ela caça a confirmação do que já esperava escutar.

Querer encontrar uma verdade não ajuda, já que não permite inventar problemas (Machado, 2008) ou imaginar, em parceria, caminhos por onde o pensamento possa correr e a palavra tecer nova trama. Como criação, o pensamento se realiza a partir de um conjunto de crises que atravessa (Deleuze, 2013); nenhuma tranquilidade há nessa paisagem de um processo em que há incômodo, em que algo deve forçá-lo, levando-o a buscar algo que não sabe o que é, mas que tem a intenção de encontrar a energia motora de si, do outro e do coletivo, enquanto ele dura.

Desse modo, os termos *encontro* e *conversa*, tomados isoladamente, não se definem e nem definem nada. São territórios que se fazem ao serem colocados em relação (com um interlocutor, com expectativas, com tarefas a cumprir); afinal, o pensamento só se exerce em conexão com o que ainda não foi pensado (Zourabichvili, 2016). Há pistas para dizê-lo, entretanto: um encontro conecta-se com o imprevisível, com o acaso, com a circunstância. De repente, uma palavra ou um gesto fazem dizer algo, há um espanto, uma surpresa, um riso inesperado. Um termo ganha novos sentidos, um pensamento se realoca – o que se passou ali? E se essa cena pudesse ser contada de formas diferentes? E se alguém não souber a razão do que fez?

Anos atrás, educadores lançavam a palavra *mãe* para meninos que cumpriam medida de internação numa tentativa de acalmá-los e de eles próprios serem mais bem tratados, tal como suas mães, supostamente, o seriam. Mãe era entidade sem carne, osso e história. Uso majoritário da palavra: a mãe hipotética era universal, e todos aqueles meninos teriam a mesma para si. Porém, para alguns deles, essa palavra soava violentamente invasiva dentro da história que só aquele corpo de filho conhecia. A resposta que aqueles meninos davam, por vezes, era se levantarem contra os educadores, lançando em direção a eles seus gritos. Tal resposta era lida pelos adultos como a reação de um sujeito incorrigível, e isso era a história daquele corpo de filho se apagando diante do outro.

O uso majoritário (Deleuze, 1997; Deleuze; Guattari, 2017) supõe um significado único para as palavras, reproduzindo um universal em que as singularidades não aparecem: a mãe de um é a mesma de todos. Sabe-se, de partida, o que será dito, o que se escutará e o final da prosa. Acionando a palavra *mãe*, os educadores esperavam certo efeito na escuta dos meninos e deixavam de questionar a própria aula. Quando não se perguntavam sobre o que provocava aquelas dificuldades, os atravessamentos institucionais também ficavam excluídos daquilo que constituía a sala de aula de uma unidade de internação (Roman, 2009).

Em um agir minoritário, os termos não pertencem a ninguém, não estão sob o domínio hierárquico em que um pode dizer sem pensar para outro que não pode reagir (em uma unidade de internação, as reações dos meninos precisam ser muito bem dosadas por eles). Criam-se composições que permitem trocas que ultrapassem o informacional e quem fala também se altera quando quer investigar o que de seu também constitui esse terreno em que tais dizeres (e não outros) se fazem passar.

Colocando o próprio lugar sob reflexão, também apareciam intercessores que, ajudando a falar, ativavam a conversa, e dela participavam muitas coisas. Intercessor era outra pessoa, um livro, uma ideia, um pensamento que permitia dizer o que antes não se diria, produzindo um discurso de minoria onde dominava o majoritário (a medida). Quando MC Poeta ria, mostrando as linhas da quadra onde estávamos, dizendo que “a medida é uma coisa que você faz... assim... tem sempre uma medida. Tipo um espaço, uma quadra, tem sempre uma medida”, afirmava uma reflexão sobre o socioeducativo. Rir junto foi um modo de continuar acompanhando seu pensamento e deixá-lo ir aonde quisesse. Pegando-o em um instante de fabulação e fabulando junto, produziam-se intercessores.

O inabalável é o oposto do sujeito atravessado pelo vivido, pois, é “o próprio sujeito o território de passagem, o lugar do acontecimento. A experiência não emerge do sujeito; ela é o que o atravessa, o que lhe acontece, o que o afeta” (Ribeiro, 2016, p. 29). Deixando aquilo que se passava participar daquele momento, havia interlocução e novos elementos que cabiam naquela conversa, como o riso.

Inventar conversa dentro de uma história de vida, encontrando vetores que a fazem falar, escapar e desejar, era bastante trabalhoso para que se jogasse fora o que ali se dava em nome de *encontrar* certa resposta, um pretense resultado, a origem de qualquer coisa. Se julgo MC Poeta, lançando avaliações sobre seu pai, sua mãe, seus gostos, a vida na rua, as internações, a vontade de escrever, não me encontro com ele. Encontro-me com minha ideia sobre ele e procuro nele algo que eu possa reconhecer (Zourabichvili, 2016). A ideia mais próxima tende a ser uma trajetória própria que exclui o menino com quem se fala, fazendo perder a potência acontecimental do encontro.

Apareceram temas que a conversa colocava em movimento. Lugares em que nos demorávamos mais eram vetores que faziam ver coisas, que davam o que pensar. *Que iam dando o que pensar*. Aquela ideia, daquela forma, contada daquele jeito não existia antes. Não fazendo unísono e não precisando haver uma voz única advinda dos meninos da medida, havia transformação em parceria, um deslocamento trabalhoso e potente exatamente por se fazer na ponta extrema da sua impotência (Zourabichvili, 2016). No encontro acontecimental reside a possibilidade de a fala mostrar: “se demore aqui, há conversa”.

## 4.2 A GENTE PODE FALAR DO MUNDO PELAS COISAS QUE UMA PESSOA FAZ

MC Poeta falava que, andando pelas ruas, as chances de ser pego pelo que não tinha feito eram grandes, em uma espécie de loteria às avessas, paradoxalmente vencida por quem nasce em um país onde basta parecer aquilo que se parece ser (Batista, 2006; Fanon, 2008; Mbembe, 2018).

O preço de (sobre)viver construindo uma história autoral é altíssimo. MC Poeta escrevia a sua em letras de *rap*, o que o conectava a outras trajetórias. Escrevia não apenas como afirmação de um eu, mas para não estar sozinho – e, parecia-me, para fraturar o mundo que vivia e reconstruí-lo à própria maneira (Barthes, 2007). Apesar de os dados desse jogo estarem contra ele, insistia em arder ali onde o queriam apagado, dizendo, em uma de suas músicas, que nasceu para brilhar, apesar de quem o subestimou; que nenhuma pessoa apaga aquela estrela que brilha. Na letra, ele dá “um salve” às quebradas onde vivem outros meninos que, como ele, são desacreditados no que podem fazer de diferente do futuro que lhes foi designado. Meninos que persistem em não serem aniquilados.

Em suas letras, falava de coisas que o vinculavam aos outros e que, ao serem faladas, faziam dele menos sozinho nas experiências que atravessava. Nessa forma impessoal de escrita sobre a vida, MC Poeta criava conexões com outras vivências, encontrando muitos destinatários: aqueles que acreditavam em meninos como ele e, também, os jovens para quem mandava “um salve”. As coisas que lhe aconteciam, colecionadas nos dias, davam acesso a uma experiência plural: as privações, a solidão, as amizades, o crime, a vontade de ter uma motocicleta e de poder comprar aquilo que cobiçava. A escrita de MC Poeta, acessando elementos que não eram apenas seus, não era somente sua. Há muitos MC's Poetas, e é por isso que é possível falar do mundo pelas coisas que uma pessoa faz.

Mostrando muitas vozes, era um agenciamento coletivo de enunciação (Guattari; Rolnik, 2013), sua história permitia estrangeirar o vivido e o olhar do outro em relação aos meninos, colocando elementos novos onde a medida queria homogeneidade. Em sua música, falava de si como um moleque pobre que cresceu na vida graças ao próprio talento, vendo-se um poeta, uma revelação nascida da favela. Essa escritura, que tem a dimensão de recontar uma história própria de forma mais liberada, escolhendo as palavras, permite a seu ouvinte estranhar barreiras tão frequentemente afirmadas entre o eu e o outro, entre subjetividade e política, de forma a adentrar outra complexidade das práticas individuais e culturais (Rago, 2013).

Importava afirmar sua vontade de dizer. Cabia à interlocutora testemunhar a importância de sua escritura em ato, tornando-se leitora e escutadora, vivendo a afirmação de que se relacionar com a obra é amá-la e desejá-la viva (Barthes, 2007). Quem

diz precisa de quem escute. Simpatizando com uma ideia sua, afirmava-se algo que agia nele, acolhendo seus movimentos da maneira como vinham, na potência das coisas que desconhecia. Olhando para trás e dizendo o que se passara de outro modo, MC Poeta recontava o que se lembrava de sua história e falava do próprio corpo naquele momento em que refazia seu passado (Deleuze, 2012). Tomando a vida como criação e o indeterminado como potência, acessávamos aquilo que podia ser reinventado (Pelbart, 2019).

O interlocutor atento se esforça por adentrar o ponto de vista de outra maneira de existir para fazê-la existir mais, aumentando suas dimensões ou fazendo-a durar de outra maneira (Lapoujade, 2017). Fazer existir significa instaurar uma existência tomando partido da vida ao escutá-la, pois o que ela diz importa. O escutador interessado é um sujeito paciente que aposta no outro o que é desse outro; testemunhando em seu interlocutor o que amplia sua existência, ressalta seus movimentos, e o faz porque sabe que há algo no que o outro diz que também fala de si. Foi MC Poeta quem disse que “uma cena vivida por alguém pode ser muito mais: é como beber água ou comer ou escrever. ‘A gente pode falar do mundo pelas coisas que uma pessoa faz.’ O mundo não cabe e, ao mesmo tempo, cabe em uma vida”.

É possível falar do mundo observando a deriva de um navegar que não é o próprio. Ali, algo dá passagem ao que tende a ficar ignorado, desconsiderado, tomado como desimportante. Um menino aparece e mostra o que o poeta já disse: “as coisas jogadas fora têm grande importância – como um homem jogado fora” (Barros, 2015, p. 47). MC Poeta, contra as adversidades, no final de um vídeo gravado com letra de música sua, diz que uma hora as coisas vão melhorar, mostrando o navegar de um corpo que se destitui, mesmo que brevemente, das âncoras das quais não pode se desvencilhar completamente e que o puxam para o lugar do impossível, do inescapável.

Seus dizeres existiam no tempo em que compunha sua biografia, pois uma pessoa é uma ideia viva (Pelbart, 2019). Mostravam que os atravessamentos em seu caminho falavam dos outros e de si, já que os ditos “marginais” sempre colocam problemas que não dizem respeito somente a eles (Guattari; Rolnik, 2013).

### 4.3 A MEDIDA DA MEDIDA

Muito embora o *depois da medida* não seja a vida sem medida, ele é um ponto que os meninos precisam alcançar para constituir uma diferença que importa para eles, já que passar para o que vem depois tem a ver com não ter de responder do lugar de quem a cumpre: a medida socioeducativa é, antes de tudo, uma medida que restringe, tal como as linhas da quadra que MC Poeta apontava para falar do que refreava seus passos. Essa forma-limite produz um efeito dito por muitos meninos: aprenderam que precisam realizar certas coisas que nem sempre são vividas por eles como algo que os

fortaleça diante de suas trajetórias, mostrando que as opressões são terríveis também porque formatam o que é vivo, atrapalhando seus movimentos (Deleuze, 2013).

MC Poeta pouco sabia sobre o Plano Individual de Atendimento (PIA), mas sabia que os relatórios feitos sobre ele eram outra forma de medida quando ele não tinha a menor clareza em relação àquilo que precisava fazer ou do tempo que, enquanto passava, era sem fim no horizonte de uma temporalidade desconhecida – quanto tempo levaria na medida?

Essa sanção dá um limite poroso quando há dúvidas acerca de seu tempo, posto que somente é conhecido depois, quando acaba. Esse tempo que não se sabe e que guarda a liberdade, angustia. O que a medida espera desse menino no tempo que não o preserva?

Meninos com os quais me encontrei em trabalhos passados em unidades de internação pediam para treinar o discurso que levariam ao juiz em audiência, ensinando que haviam aprendido a mentir e que fazê-lo era diminuir o tempo da sanção. Havia certa conversa que entenderam ser necessária aos ouvidos dos adultos: demonstrar arrependimento e vontade de mudar de vida. Cabeça para o chão, ombros para baixo. Aqueles meninos mostravam a inabilidade da medida em inventar perguntas. Aprenderam que, para se desprender do socioeducativo, precisavam repetir velhas afirmações para perguntas jamais questionadas. A mentira resolvia o que a medida não lhes dizia – a que servia e o que esperava deles nesse enquadramento que lhes queria dar –, e mostrava “a maneira como cada um procura se posicionar diante de um poder coercivo, como cada um articula sua própria vida, com êxito ou não [e] apropria-se, de forma bem-sucedida ou não, do vocabulário dominante” (Farge, 2017, p. 35).

Naquela conjunção, a mentira se tornava uma arma com a qual lutar, uma linha de fuga dentro de um contexto que visava determiná-los, subvertendo os usos da palavra e dos espaços: se esperavam deles uma resposta, eles a davam. Linhas de fuga acionam a vida, e muitos daqueles meninos as produziam quando, em vez de fazerem de si o que a medida queria, subvertiam isso que ela esperava deles. Na internação, por exemplo, concediam as afirmações e o corpo esperado deles enquanto a mentira agia como uma dobra possível na rígida e silenciosa fronteira da medida. Eles conseguiram “ver e se conectar com aquilo que no inferno dele difere para seguir abrindo mais espaços de arejamento por onde a vida passa [e] que insiste em todo e qualquer lugar” (Coimbra, 2021, p. 137).

Passar ao ato pode ser tão potente quanto não passar a ele quando se tem condições de fazê-lo, uma vez que “se a potência fosse sempre e somente potência de fazer ou ser algo, então, nós não poderíamos jamais experimentá-la como tal” (Agamben, 2015, p. 21). Quando poderiam dizer não – *não sou isso que esperam de mim* –, aqueles meninos reinventavam palavras dizendo sim – *sou isso* – dentro de uma relação em

que aquilo que diriam tinha pouca valia. Um menino internado que inventa passagens ou reflexões que não lhe ocorreram, mas que o salvam, diz *não* a certo modo de operar as coisas que o excluem quando, paradoxalmente, é quem está mais dentro. Se algo como a própria liberdade precisa acontecer e há muitas fronteiras inexplicáveis para isso, a criação (de uma mentira, por exemplo) se fazia necessária.

Há sempre uma medida insistentemente colocada: a medida do que se deve fazer, de certa palavra correta, do que pode o sujeito adolescente que cometeu uma infração. Porque, experimentada como metas enfiadas em suas vidas, a medida vira caixote que guarda os meninos por um tempo, raramente fazendo ponte para uma condição outra que os protegeria na construção do chão em que pisam. A medida, como lei que a eles se impõe, não produz o justo em suas biografias, pois, para ser justa, precisaria considerar que “cada caso é um caso, cada decisão é diferente e requer uma interpretação absolutamente única, que nenhuma regra existente ou codificada pode nem deve absolutamente garantir” (Derrida, 2018, p. 44). Quando, no universo brasileiro de internações, grande parte das medidas judiciais não são reavaliadas e os planos individuais de atendimento nem sequer fazem parte do processo socioeducativo (Conselho Nacional de Justiça, 2012), a lei faz medida, mas não faz justiça.

#### 4.4 NÃO EXISTE ESTAR FORA DA REBELIÃO

Escutando MC Poeta, lembrei-me dos tempos em que acompanhava meninos que cumpriam a medida de internação e de uma memória em particular: certo dia, uma linha invisível, porém, quase tangível, foi atravessada quando chamei de moleques os meninos que insistiam em provocar os educadores que eu acompanhava e que diziam não conseguir dar aula naquela unidade de internação. A negativa dos meninos de assistirem as aulas era, também, uma maneira de escapar ao que lhes era ordenado em um lugar em que violências físicas contra eles aconteciam cotidianamente – e, entretanto, achando que poderiam não se relacionar com aquele fato, os educadores ficavam completamente perdidos, lançando mão também do que tinham: o grito e, eventualmente, o abandono da turma.

Na ocasião em que eu acompanhava certa aula que não acontecia, um dos meninos, ao me escutar dizendo “moleques”, colou seu rosto ao meu para dizer que eu não deveria ter feito aquilo, dito o que disse. Enquanto isso, outros davam risada e alguns se abaixavam, encostados nas paredes, em sinal de que, se houvesse tumulto naquele momento, não participavam dele. Buscavam se fazer de invisíveis, que era a saída possível quando não tinham autorização para se retirar daquela sala de aula. Inventavam um jeito de escapar quando o corpo não podia se desprender daquela cena que irrompia rápida e inesperadamente, colocando-os no lugar de testemunhas diretas do que acontecia. Ligeiramente, as coisas mudavam de figura, um evento irrompia e eles

inventavam uma forma de fugir. Como na música, aqueles meninos não paravam de ter de escapar:

*Ah! Moleque, se um dia eu te pego / Erva daninha, estrepe / De ripa, marmelo te esfrego / Moleque, vem cá / Moleque moleque, vem cá / Moleque / Não, não eu não vou lá / Ah! Vem me pegar, quero ver. (Gonzaguinha, 1977)*

Em uma unidade de internação, os meninos não são eles, apenas, mas eles ali. Por isso, precisam ser outros de si. Um ano antes da cena acima relatada, um deles me havia dito que não podia sorrir lá dentro, pois seria sinal de fraqueza. Tinha de ser homem, em uma associação da figura masculina à força, e da força com o inabalável. Para aquele menino, ser moleque significava não poder escapar de um lugar perigoso de criança desprotegida; na internação, ser mais jovem implica estar submetido às ordenações alheias, destituído de um dizer próprio (Vicentin, 2005; Trassi, 2006; Rovaron, 2017). Ser moleque, ali, significava estar abandonado, submetido às regras institucionais em um assujeitamento que se mostrava, entre outras coisas, pela ausência de sentido naquilo que era ordenado ao menino. Um contínuo de situações tensas imperava, não havendo espaço para a medida sequer se questionar: o que produz um menino não poder sorrir?

Desproteção também tem a ver com tudo aquilo de que o menino participa sem escolher. Estar ali dentro, não podendo fazer o corpo físico escapar, significa, como disse MC Poeta, que “não existe estar fora da rebelião”. Não existe não saber, desver, ignorar; é testemunha tanto quem participa (ou sofre uma ocorrência) quanto quem dela é espectador (Vilela, 2015). Não há uma não participação em um tumulto quando não há como retirar o próprio corpo daquele lugar; por isso, os meninos inventavam maneiras alternativas de fugir, como na música: “Me livro do mau e do perigo / de bicho pelado que trança / ideias de uma vingança, que é pra me cuidar” (Gonzaguinha, 1977).

Sobreviver às circunstâncias impostas pela internação produzia em MC Poeta a necessidade de sempre ter de escapar e, entretanto, era sempre testemunha, pois não importava se batia ou não quando ele não podia não ver e, depois de ter visto, precisava se haver com os restos que ficavam em si. MC Poeta não batia, mas via, e quando me contou do que não se esqueceu, escrevemos que

*Falar da internação é lembrar das rebeliões e de ter visto várias violências de todos os lados. A vingança dos meninos pelas vezes em que apanharam dos funcionários. Os funcionários que tinham muito ódio dos meninos. Não existe estar fora da rebelião; mesmo quando a própria mão não bate em ninguém, é impossível não escutar os sons e desver ou esquecer o que se viu: o corpo do outro invadido pelo ódio.*

Há a violência da cena vivida no tumulto e há certa forma violenta que não finda quando ele acaba. O tempo todo, inesperadas e antecipadas, sempre à espreita, pequenas situações podem disparar um grande evento. Se “falar da internação é lembrar das rebeliões e de ter visto várias violências de todos os lados”, a memória dos seus corpos continua ecoando fora dos muros, nos espaços que partilham esses meninos, filhos da violência à qual têm de sobreviver (Levi, 2015). Suas lembranças mostravam que narrar o que foi visto não se trata somente de descrever um evento, e que “no testemunho há uma série de escórias que restam e permanecem como matérias sensíveis expostas. [...] O testemunho é, assim, uma forma selvagem” (Vilela, 2015, p. 173).

A memória individual, no espaço público, produz um discurso coletivo que reflete para além do menino que narra, dando a ver também a imagem que certa sociedade cria para si (Vilela, 2015, p. 173). Então, se a medida lhes endereça certas demandas, isso que se passa com eles, passa a ela, também, mesmo quando se desimplica de estranhar a si própria e de buscar pistas para o que mais as cenas dizem para além daquilo que seus olhos tendem a ver, afinal, “nunca poderemos dizer: não há nada para ver, não há mais nada para ver. Para saber desconfiar do que vemos, devemos saber mais, ver, apesar de tudo. Apesar da destruição, da supressão de todas as coisas” (Didi-Huberman, 2017, p. 61).

Aquele que escuta o testemunho apreende o vivido pelo outro, podendo descobrir novos sentidos para uma cena narrada e ajudar a romper com as significações primeiras dadas aos fatos. Lembrar também serve para isso: “o olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo. [...] É preciso desformar o mundo: tirar da natureza as naturalidades” (Barros, 2010, p. 350). MC Poeta transvia a posição de adolescente difícil quando suas memórias contavam sobre o lugar de testemunha da violência que não cometeu e mostravam experimentações outras de uma mesma cena. Fazia de si menino implicado e preocupado quando o viam desinteressado.

Os meninos de minhas memórias transviam o espaço de aula em que um se senta para escutar o outro que lhe diz o que fazer. Transvendo, profanavam aquele espaço, libertando um comportamento onde não se esperava e dando outros usos às coisas e àquilo que lhes tinha sido furtado (Agamben, 2007). Tornando a sala de aula um lugar em que outros elementos apareciam, profanavam, e há que se profanar junto para que uma cena de tumulto fale mais do que a óbvia violência que praticam.

Como pensar a profanação do corpo preso? Para não assistir aula onde se é conduzido, há que se portar como criança, fazendo uso de uma liberdade que ela possui. Eles não eram crianças, mas podiam sê-lo quando necessário, afinal, agir como criança não é ser criança, mas emprestar suas forças para criar modos de escapar (Deleuze; Guattari, 2012). Extraíam elementos que permitiam instaurar movimentos mais próximos daquilo que podiam ou vislumbravam ser para divergirem do mando, fazendo

um protesto contra o que os humilhava e produzindo, como efeito, um grito de censura à tristeza e à vontade de poder dos adultos que “separa[m] o corpo infantil de sua potência vital, ameaçando aniquilar o futuro ao mesmo tempo em que aniquila[m] o que seu corpo pode no presente” (Orlandi, 2010, p. 61).

Na minha recordação, quando insistíamos que só queríamos que seguissem as regras, não precisávamos falar da sua relação com a sala de aula em um contexto de privação da liberdade. Perante a disciplina que se apresenta com a aparência de lei, a ilicitude se colocava como um direito (Foucault, 2010c). Quando eram “moleques”, pareciam viver momentos de certa afetação em que não sobressaía a tristeza – eram momentos em que uma pequena virada se dava. Fazendo da aula uma impossibilidade, gritando para um adulto, rindo daquele que se fazia sério e exigia obediência, lançavam mão do que ali tinham para dizerem *não*, deslocando-se um pouco de uma posição refreada. Eram como Béasse, menino que fez da indisciplina um direito seu perante uma lei que não queria conhecê-lo: “Ouvindo sua condenação a dois anos de correção, Béasse faz uma careta feia, depois, recobrando o bom humor: ‘Dois anos nunca duram mais que vinte e quatro meses. Vamos embora, vamos indo’” (Foucault, 2010c, p. 276).

Em um breve momento, uma dobra se fazia: um menino dizia *não* ao educador que tinha medo dele, outro gritava para a coordenadora que o chamara de moleque, um terceiro se abaixava no canto da sala para mostrar que não participava do tumulto que parecia se armar. Continuavam sendo meninos determinados por aquele contexto de aprisionamento, mas cada um respondia de maneira diversa ao que se passava. Como a internação faz de todos os meninos testemunhas, pois sofrem violência ou são dela espectadores, não há um fora da rebelião senão através deles mesmos e de suas profanações.